

# SOFRIMENTO HUMANO E A “PROPOSTA TERAPÊUTICA” NIETZSCHIANA

Danielly Maia de Queiroz<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente texto tem como ponto de partida a problemática da “esquizoalgia”, conceito proposto por Ivan Illich referente à alienação da dor e à supermedicalização como consequências da destruição do ato de sofrer, produtos da iatrogênese estrutural da cultura ocidental. Optou-se por discutir nuances do sofrimento humano a partir de reflexões suscitadas por Susan Sontag tendo por base a iconografia da dor e da crueldade. Uma vez articulados os sintomas da “esquizoalgia” com a hiperexposição e banalização da dor dos outros, buscou-se compreender como a temática do sofrimento humano se apresenta junto à tradição de pensamento que concebe a filosofia como forma de “terapia”, identificando-se no pensamento nietzschiano um contraponto à visão hegemonicamente negativa e niilista que se tem diante do sofrer. A partir do diagnóstico feito por Nietzsche de adoecimento da cultura ocidental e da proposta de transvalorização do conceito de “saúde” em “grande saúde”, identificam-se três aspectos que se contrapõem à passividade do ideal ascético: o ativo cultivo do corpo; o reconhecimento do equilíbrio do desequilíbrio; e a desconstrução da suposta contradição entre saúde e doença. Considera-se que tais aspectos podem servir de base para uma proposta terapêutica singularizada, cuja filosofia prática reconhece o sofrimento humano como pleno de legitimação e propósito. Isso implica uma postura ativa diante do sofrimento, contribuindo com a reaprendizagem corporal de enfrentar sem subterfúgios as sensações produzidas pelos “nociceptores”, atitude tão negada pela decadente sociedade analgésica.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Sufrimento humano; Nietzsche; Transvalorização; Grande saúde; Terapia.*

---

<sup>1</sup> Enfermeira; Doutora em Saúde Coletiva; Graduanda em Filosofia (UECE); servidora pública de Maracanaú (CE); integrante do grupo de Filosofia Feminista e Ética (UECE). E-mail: daniellymaia@yahoo.com.br.

**RESUMÉN:** El presente texto tiene como punto de partida el problema de la "esquizoalgia", un concepto propuesto por Ivan Illich con respecto a la alienación del dolor y la sobremedicalización como consecuencias de la destrucción del acto de sufrimiento, producto de la iatrogenesis estructural de la cultura occidental. Optamos por discutir los matices del sufrimiento humano basados en reflexiones planteadas por Susan Sontag basadas en la iconografía del dolor y la crueldad. Una vez que los síntomas de la "esquizoalgia" se articulan con la sobreexposición y la trivialización del dolor de los otros, buscamos comprender cómo se presenta el tema del sufrimiento humano en la tradición del pensamiento que concibe la filosofía como una forma de "terapia", identificándose en el pensamiento nietzscheano un contrapunto a la visión hegemónicamente negativa y nihilista del sufrimiento. Basado en el diagnóstico de enfermedad de la cultura occidental realizado por Nietzsche y la propuesta de transvaluar el concepto de "salud" en "gran salud", se identifican tres aspectos que se oponen a la pasividad del ideal ascético: el cultivo activo del cuerpo; el reconocimiento del equilibrio del desequilibrio; y la deconstrucción de la supuesta contradicción entre salud y enfermedad. Se considera que tales aspectos pueden servir como base para una propuesta terapéutica singularizada, cuya filosofía práctica reconoce el sufrimiento humano como lleno de legitimación y propósito. Esto implica una postura activa frente al sufrimiento, contribuyendo al reaprendizaje corporal de enfrentar las sensaciones producidas por los "nociceptores" sin subterfugio, actitud tan negada por la decadente sociedad analgésica.

**PALABRAS-CLAVE:** *Sufrimiento humano; Nietzsche; Transvaloración; Grand salud; Terapia.*

## Introdução

Esse texto assume como ponto de partida uma inquietação provocada por Ivan Illich em seu livro *A expropriação da saúde: nêmesis da medicina*, que, ao caracterizar o processo de "iatrogênese estrutural" da cultura ocidental, destaca o processo de "alienação da dor" como uma retirada do significado mais íntimo e pessoal do sofrimento, transformando-o em problema técnico. Illich apresenta o conceito de "esquizoalgia" como sintoma da supermedicalização, criada pela destruição iatrogênica do ato de sofrer. Paradoxalmente, diante dessa "esquizoalgia", a sociedade "analgésica" aumenta a demanda de estimulantes dolorosos, visto que "são necessários estimulantes cada vez mais poderosos às pessoas que vivem em uma sociedade anestesiada, para terem a impressão de que estão vivas."<sup>2</sup>

Para refletir sobre tais aspectos, tão prementes na contemporaneidade, buscou-se inicialmente elencar alguns apontamentos feitos por Susan Sontag com base em seu livro intitulado *Diante da dor dos outros*,<sup>3</sup> por meio do qual ela nos convida a nos debruçarmos sobre o que a

<sup>2</sup> ILLICH, Ivan. *A expropriação da saúde: nêmesis da medicina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975, p.140.

<sup>3</sup> SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

representação por imagens, em especial, fotografias da crueldade, nos provoca, indagando: tornamo-nos progressivamente insensíveis e apáticos ou somos incitados à violência? Há um desgaste da percepção da realidade por meio do bombardeio diário dessas imagens? O sofrimento de povos distantes vitimados pela guerra nos importa? Essas imagens de sofrimento humano, representadas ao longo da história de distintos modos, e que hoje estão cotidianamente presentes, seja na televisão, nos dispositivos móveis ou outros meios de veiculação de imagens, provocam o que em nós?

Diante desses questionamentos suscitados por Sontag, buscou-se compreender como a temática do sofrimento humano se apresenta junto à tradição do pensamento que concebe a filosofia como uma forma de “terapia”. Nesse ínterim, identificou-se no pensamento nietzschiano um contraponto à visão hegemonicamente negativa e niilista que se tem diante do sofrimento. Esse ponto de vista está alicerçado na tese de doutorado de Marta Sofia Ferreira Faustino, intitulada *Nietzsche e a grande saúde: para uma terapia da terapia*.<sup>4</sup> A autora retoma o diagnóstico de adoecimento e decadência da cultura ocidental demarcado por Nietzsche e busca delinear sua proposta terapêutica singularizada articulada à noção de “grande saúde”, cuja filosofia prática implica uma postura ativa e afirmativa diante do sofrimento.

Ao buscar estabelecer conexões entre o fenômeno da “esquizoalgia” delineado por Illich e as derivações decorrentes da exaustiva exposição iconográfica ao sofrimento humano demarcadas por Sontag, percebe-se na proposta terapêutica de Nietzsche um convite a uma atividade plena diante da vida, em detrimento da paralisia, anestesia, indiferença, perplexidade e passividade que epidemicamente tem acometido a humanidade.

### **O que as imagens de sofrimento humano provocam em nós?**

Susan Sontag tece uma história da representação da dor, traçando a evolução da iconografia das imagens de sofrimento, registradas por meio de pinturas, fotografias ou mesmo imagens televisionadas. A autora nos convida a pensar sobre a natureza da guerra, os limites da solidariedade humana e os supostos deveres da consciência, diante do uso e dos sentidos atribuídos a essas imagens.

Ao longo da história da humanidade a guerra foi, por muito tempo, encarada como norma, e a paz como exceção. Na modernidade, passa-se a considerar a guerra como aberração e a paz como

---

<sup>4</sup> FAUSTINO, Marta Sofia Ferreira. *Nietzsche e a grande saúde: para uma terapia da terapia*. 2013. Tese de Doutorado em Filosofia. Universidade Nova de Lisboa, Portugal.

norma, mesmo que inatingível. Todavia, reconhece-se que nem mesmo os pacifistas contemporâneos acreditam que a guerra possa ser abolida. Levando-se em consideração a linguagem, diferente de um relato escrito que pode ser destinado a um número maior ou menor de leitores, a fotografia tem uma única língua e está potencialmente direcionada a todas as pessoas. E quando se trata de recordar, em um contexto, tal como o nosso, de sobrecarga de informações, a imagem fotográfica “congela o quadro” e oferece um modo rápido e compacto de apreensão e memorização de algo.<sup>5</sup>

Olhar fotos de guerra pode desencadear diferentes reações e a vida moderna oferece inúmeras oportunidades de ver, à distância, a dor de outras pessoas, uma vez que hoje é comum que as atrocidades humanas componham imagens e sons na sala de estar. Com isso, Sontag destaca que à medida que cada desgraça se apresenta, pode-se reagir com compaixão, indignação, excitação ou até mesmo aprovação, visto que...

Fotos de uma atrocidade podem suscitar reações opostas. Um apelo em favor da paz. Um clamor de vingança. Ou apenas a atordoada consciência, continuamente reabastecida por informações fotográficas, de que coisas terríveis acontecem.<sup>6</sup>

A autora considera que rememorar é um ato do indivíduo e o que se chama de memória coletiva não passa de ficção. Todavia, as ideologias são construídas com base em imagens representativas que englobam ideias relevantes, desencadeando pensamentos e sentimentos previsíveis. Fotos amplamente divulgadas e que boa parte da humanidade reconhece compõem temas sobre os quais a sociedade declara ter escolhido pensar e que, de certa maneira, “aprisionaram a história em nossa mente.”<sup>7</sup>

Na antiguidade clássica, os mitos pagãos são compostos de um vasto repertório de crueldades. O clímax nas histórias contadas na *Ilíada* é alcançado com a descrição minuciosa de corpos feridos e mortos em combate. No medievo, a arte cristã está repleta de imagens do inferno mostrando corpos em sofrimento. Sontag considera que não há acusação moral que recaia sobre a representação dessas crueldades, e sim uma provocação de que somos ou não capazes de olhar para isso. No início do século XIX, Francisco de Goya (1746-1828) apresenta uma sequência de 83 gravuras feitas entre 1810 e 1820, intitulada *Los desastres de la guerra*, retratando as atrocidades de soldados napoleônicos ao invadir o território espanhol em 1808, para sufocar a insurreição contra o domínio

<sup>5</sup> SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p.23.

<sup>6</sup> SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p.16.

<sup>7</sup> SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p.73.

francês. A arte de Goya pode ser comparada a de Dostoiévski, por lidar com sentimentos morais e da dor de modo profundo, original e exigente. O intuito de Goya é abalar, chocar, ferir o espectador, buscando atacar sua sensibilidade a partir do relato iconográfico das crueldades da guerra.<sup>8</sup>

Nas imagens de guerra produzidas por artistas, pode-se perceber a beleza do trágico. Mas isso também se aplica a imagens captadas por câmeras? É possível encontrar beleza em fotos de guerra sem parecermos insensíveis? Sontag considera que “a paisagem da devastação ainda é uma paisagem. Existe beleza nas ruínas”.<sup>9</sup> Entretanto, Sontag faz uma ponderação crítica acerca de quais corpos foram autorizados a se fazer registros fotográficos dessa natureza, mostrando-se ferimentos graves ou feições agonizantes. Segundo ela, historicamente, essas imagens foram feitas de povos africanos e asiáticos, considerados pela população europeia como “exóticos”, chegando até a ser exibidos como animais de zoológico em muitas capitais europeias no período entre o século XVI até o início do século XX. A autora afirma que a exibição dessas fotos pode trazer uma dupla mensagem: confirma que esse sofrimento ultrajante e injusto existe; porém, pode alimentar a crença fatalista de que essas tragédias são inevitáveis em regiões pobres e ignorantes do mundo.

Sontag ilustra a questão polêmica relativa a esse estilo fotográfico nos remetendo ao trabalho do fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado (1944-) que, nas palavras da autora, é “especializado na desgraça mundial”.<sup>10</sup> Ela menciona, em especial, seu projeto de sete anos intitulado *Migrações: humanidade em transição*, cujas fotografias podem ser conferidas no livro *Êxodos*,<sup>11</sup> ou em sua exposição de mesmo nome. Nesse trabalho, ele reúne, sob um único título, fotos tiradas em trinta e nove países, mas que na verdade nos faz reportar a uma multidão de causas e de modalidades diversas de infortúnio e desgraças humanas.

Fazer o sofrimento avultar, globalizá-lo, pode incitar as pessoas a sentir que deveriam “importar-se” mais. Também as convida a sentir que os sofrimentos e os infortúnios são demasiado vastos, demasiado irrevogáveis, demasiado épicos para serem alterados, em alguma medida significativa, por qualquer intervenção política local. Com um tema concebido em tal escala, a compaixão pode apenas debater-se no vazio – e tornar-se abstrata.<sup>12</sup>

Segundo a autora, apesar de lindamente compostas, espetaculares e cinemáticas, o problema maior das fotos de Sebastião Salgado não está na maneira ou lugar onde estão expostas, e sim nas fotos em si mesmas, pois seu foco se volta aos destituídos de poder, reduzidos à sua

---

<sup>8</sup> SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, pp.38-41.

<sup>9</sup> SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p.65.

<sup>10</sup> SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p.67.

<sup>11</sup> SALGADO, Sebastião. *Êxodos*. Colônia (Alemanha): Taschen, 2016.

<sup>12</sup> SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p.68.

impotência, e que sequer são designados nas legendas. Frente a isso, é incontornável a indagação sobre o sentido de se exibir fotos relacionadas à crueldade humana: elas despertam indignação, mal-estar, tristeza? Elas nos ensinam algo? Tornamo-nos melhores ao vê-las? Ou confirma o que já sabemos? Essas são algumas questões levantadas por Sontag, e remete-nos a inúmeras motivações que despertam nosso interesse por essas cenas de horrores<sup>13</sup>. Será que o choque provocado por imagens de crueldade tem prazo de validade? Pode tornar-se familiar e enfraquecer?

Apesar de as pessoas poderem até se habituar ao horror da vida real e a certas imagens, Sontag destaca que “existem casos em que a repetida exposição àquilo que choca, entristece, consterna, não esgota a capacidade de reação compassiva”<sup>14</sup>, pois algumas fotos aflitivas não perdem seu poder de nos chocar e aumentam as chances de cristalizar um sentimento, chegando até mesmo a nos perseguir. Entretanto, quando se discute os efeitos diante de fotos de atrocidades, nem todas as reações provocadas estão sob o domínio da razão e da consciência.

Tais como o interesse lascivo e libidinoso, despertado por corpos atraentes, as imagens do repugnante, de corpos torturados e mutilados, também podem seduzir, configurando um “tropismo inato orientado para o horrível”, como pode ser percebido nos apontamentos do irlandês Edmund Burke (1729-1797) que em sua obra *Investigação filosófica sobre a origem de nossas ideias do sublime e do belo* demarcou que as pessoas extraem graus de prazer ante os infortúnios e as dores reais dos outros; e ainda nas formulações do francês Georges Bataille (1897-1962) que em seu livro *As lágrimas de Eros* afirmava que a imagem fotográfica de dor da *morte de mil cortes* lhe remetia a sentimentos paradoxais, simultaneamente extasiantes e intoleráveis<sup>15</sup>.

Em consonância com essa perspectiva de apreciação da crueldade humana, na segunda dissertação de *A genealogia da moral*, Nietzsche busca relacionar a dor como compensação de dívidas, destacando que...

Ver sofrer, alegre; fazer sofrer, alegre mais ainda; há nisto uma frase dura, uma antiga verdade “humana, demasiado humana”, à qual talvez subscrevessem os macacos, porque, na verdade, e diz-se que com a invenção de certas bizarras crueldades anunciam já o advento do homem. Sem crueldade não há gozo, eis o que nos ensina a mais antiga e remota história do homem; o castigo é também uma festa.<sup>16</sup>

Percebe-se que há nesse fragmento de Nietzsche expressões de sentimentos paradoxais envolvidos na experiência de dor e sofrimento, de certo “gozo” mediado pela apreciação de cenas

<sup>13</sup> SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, pp.77-78.

<sup>14</sup> SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p.70.

<sup>15</sup> SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p.82.

<sup>16</sup> NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *A genealogia da moral*. Petrópolis (RJ): Vozes, 2013, II-7, p.65.

de crueldade humana. Esse apontamento pode se entrelaçar com o que Sontag pontua ao destacar que apesar de a crescente “teleintimidade” com a morte propagada pela cobertura televisiva nos levar a pensar que a brutalidade física parece estar mais vinculada ao entretenimento do que mesmo ao choque, diante da constante dieta de imagens violentas, é preciso levar em consideração os sentimentos que vêm à tona. Ela, então, argumenta que...

A compaixão é uma emoção instável. Ela precisa ser traduzida em ação, do contrário define-se. A questão é o que fazer com os sentimentos que vieram à tona, com o conhecimento que foi transmitido. [...] As pessoas não se insensibilizam àquilo que lhes é mostrado – se é que essa é a maneira correta de descrever o que ocorre – por causa da *quantidade* de imagens despejadas em cima delas. É a passividade que embota o sentimento. Os estados definidos como apatia, anestesia moral ou emocional, são repletos de sentimentos; os sentimentos são raiva e frustração. Mas, se ponderarmos quais emoções seriam desejáveis, parece demasiado simples escolher a solidariedade.<sup>17</sup>

Assim, Sontag pondera que o sentimento de solidariedade parece nos fazer sentir menos cúmplices, proclamando nossa inocência. Mas, paradoxalmente, também parece evidenciar nossa impotência diante dos fatos expostos. Parece que em um mundo hipersaturado de imagens, num fluxo contínuo que impossibilita uma imagem privilegiada, mesmo diante dessa “dieta de horrores”, tornamo-nos insensíveis àquelas imagens que deveriam ser consideradas importantes. Isso seria insensibilidade ou instabilidade de atenção? Um interesse mais reflexivo em relação a isso demandaria certa intensidade de consciência, aspecto intencionalmente enfraquecido pela mídia.<sup>18</sup>

Sontag defende que é de suma importância que “deixemos que as imagens atrozes nos persigam”<sup>19</sup>, pois estas exercem um papel importante, lembrando-nos do que os seres humanos são capazes de fazer. A autora considera que o ato de recordar tem um valor ético por si mesmo, e que a memória, por vezes dolorosa, é a única relação que podemos estabelecer com os mortos. No que se refere à instauração da “memória”, Nietzsche postula que esta foi sendo constituída a partir de múltiplas formas de dor e sofrimento, como pode ser verificado no fragmento a seguir.

[...] quando o homem julgava necessário criar uma memória, uma recordação, não era sem suplício, sem martírios e sacrifícios cruentos; os mais espantosos holocaustos e os compromissos mais horríveis [...], as mutilações mais repugnantes [...], os rituais mais cruéis de todos os cultos religiosos [...], tudo isso tem a sua origem naquele instinto que descobriu na dor o auxílio mais poderoso da mnemotécnica.<sup>20</sup>

---

<sup>17</sup> SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p.85.

<sup>18</sup> SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, pp.88-89.

<sup>19</sup> SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p.95.

<sup>20</sup> NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *A genealogia da moral*. Petrópolis (RJ): Vozes, 2013, II-3, p.60.

Mas Nietzsche considera que o esquecimento “é um poder ativo, uma faculdade moderadora, à qual devemos atribuir tudo quanto nos acontece na vida, tudo quanto absorvemos”.<sup>21</sup> Sontag parece coadunar com tal afirmativa, mesmo levando em consideração motivações diferentes, ao destacar que existe muita injustiça no mundo e recordar demais pode gerar rancor. Ela, então, vislumbra na “amnésia” uma possibilidade de reconciliação, mesmo que esta pareça andar junta com a insensibilidade<sup>22</sup>.

Diante das provocações elencadas por Susan Sontag, questiona-se: como a tradição do pensamento filosófico tem lidado com o sofrimento humano? Pode a Filosofia ser encarada como “terapia” diante dessa problemática? Quais os distintos modos de lidar com essa incontornável afecção da existência humana? Que contrapontos e proposições estão presentes nas obras de Nietzsche em relação a isso?

### **Sufrimento humano e possibilidades terapêuticas da filosofia**

A dimensão terapêutica que a filosofia assume está presente desde a antiguidade, marcadamente nas escolas helenísticas do Epicurismo (cultivo da *ataraxia*, ausência de perturbações) e do Estoicismo (cultivo da *apatheia*, ausência de paixões). Na Idade Média, ela perde lugar para a terapia religiosa, promovida pelo ideal ascético do cristianismo. A partir da modernidade, identifica-se uma retomada do caráter terapêutico da filosofia por autores cristãos, tais como Pascal e Kierkegaard, e mais recentemente, no século XX, por Wittgenstein, filósofo cuja perspectiva terapêutica se volta para a clarificação e desambiguação da linguagem.<sup>23</sup>

Além dos filósofos supracitados, Faustino<sup>24</sup> defende a inclusão de Nietzsche nessa tradição de pensamento, argumentando que este filósofo, enquanto “médico da cultura”, além de diagnosticar a doença na cultura ocidental por meio do método genealógico e da fisiologia, assumiu um projeto terapêutico com base na transvaloração de todos os valores, na elevação da cultura e no cultivo de um novo tipo de homem, buscando alcançar o ideal da “grande saúde”.

Interessa-nos aqui saber como estas distintas perspectivas filosóficas buscaram lidar com o sofrimento humano, para refletirmos se alguma delas nos ajuda a encarar de maneira mais assertiva o fenômeno da “esquizoalgia” evocado por Ivan Illich, cujos desdobramentos podem ser percebidos nas expressões e reflexões apontadas por Susan Sontag.

---

<sup>21</sup> NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *A genealogia da moral*. Petrópolis (RJ): Vozes, 2013, II-1, p.57.

<sup>22</sup> SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p.96.

<sup>23</sup> FAUSTINO, Marta Sofia Ferreira. *Nietzsche e a grande saúde: para uma terapia da terapia*. 2013.

<sup>24</sup> FAUSTINO, Marta Sofia Ferreira. *Nietzsche e a grande saúde: para uma terapia da terapia*. 2013.

Tendo por base a formulação aristotélica de que os seres humanos almejam a felicidade, as escolas helenísticas lidavam de modo negativo com o sofrimento, cuja terapia buscava reduzir todo tipo de tormento, dor, perturbação ou paixão da alma. Essa busca da felicidade como justificação da vida, representando um estado de paz e de tranquilidade da alma, era alcançada segundo os epicuristas através da *ataraxia* e pelos estoicos através da *apatheia*. Mas o “ascetismo” como terapia triunfa a partir do cristianismo, que também reconhece o sofrimento existencial como algo negativo e que precisa ser eliminado.<sup>25</sup>

Em *A genealogia da Moral*, Nietzsche disserta sobre as consequências perversas do ideal ascético que, além de refrear e reprimir os instintos e os impulsos, através da domesticação e moralização do homem, faz com que o mesmo direcione para dentro de si essa poderosa energia impulsiva, fazendo germinar, assim, a “má consciência” e a noção de “culpa”.

As formidáveis barreiras que a organização social construía para se defender contra os antigos instintos de liberdade, e, em primeiro lugar, a barreira do castigo, conseguiram que todos os instintos do homem selvagem, livre e vagabundo, se voltassem contra o homem interior. A ira, a crueldade, a necessidade de perseguir, tudo isto se dirigia contra o possuidor de tais instintos: eis a origem da “má consciência”. [...] este louco, este cativo, de aspirações impossíveis, teve de inventar a “má consciência”. Então veio ao mundo a maior e mais perigosa de todas as doenças, o homem doente de si mesmo; foi consequência de um divórcio violento com o passado animal, de um salto para novas situações, para novas condições de existência, de uma declaração de guerra contra os antigos instintos que antes constituíam a sua força de vontade e o seu temível caráter.<sup>26</sup>

O aumento da repressão social desencadeia a necessidade de o indivíduo autoinfligir sofrimento, justificado pelos sacerdotes ascéticos como legítimo estado de punição, invertendo a direção do ressentimento para dentro. O círculo vicioso da culpa e do pecado promove um profundo enfraquecimento, adoecimento e uma desapropriação das potencialidades humanas, tornando os indivíduos mais inofensivos, vulneráveis e sujeitados.<sup>27</sup>

O sacerdote ascético deve ser o salvador predestinado, o pastor e defensor do rebanho doente [...]. A dominação sobre os que sofrem é o seu reino [...]. É preciso que ele também seja doente, para que doentes e mal aquinhoados possam compreendê-los e entendê-los; mas é preciso também que seja forte, pelo menos na vontade de potência, a fim de possuir a confiança dos doentes e ser para eles um amparo, um escudo, um mestre, um tirano, um deus. Tem que defender o seu rebanho – contra quem? Contra os sãos, naturalmente, mas também contra a inveja que inspiram os sãos. Deve ser o inimigo natural de toda a saúde e de toda a potência, de tudo que é rude, selvagem, desenfreado, violento.<sup>28</sup>

<sup>25</sup> FAUSTINO, Marta Sofia Ferreira. *Nietzsche e a grande saúde: para uma terapia da terapia*. 2013.

<sup>26</sup> NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *A genealogia da moral*. Petrópolis (RJ): Vozes, 2013, II-16, p.82.

<sup>27</sup> FAUSTINO, Marta Sofia Ferreira. *Nietzsche e a grande saúde: para uma terapia da terapia*. 2013.

<sup>28</sup> NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *A genealogia da moral*. Petrópolis (RJ): Vozes, 2013, p.121.

Essa relação negativa com o sofrimento sintetizada no “ideal ascético”, partilhada tanto pelas escolas helenistas quanto pela terapia religiosa promovida pelo cristianismo, intensificaram ou agravaram o que supostamente se dispuseram a curar. Ao diagnosticar a doença da cultura ocidental como inferior, decadente e niilista, Nietzsche evidencia esses nexos causais relacionados ao ascetismo. Ele afirma que o problema fundamental do ser humano não é o sofrimento em si, mas a ausência de sentido para ele.<sup>29</sup> Essa constatação a que chega Nietzsche pode ser conferida na segunda dissertação de *A genealogia da moral*, quando ele afirma que “o que verdadeiramente nos repugna não é a dor, mas a falta de sentimento da dor”<sup>30</sup>, ou ainda no final da terceira dissertação, quando demarca uma “imensa lacuna” do homem, pois...

[...] não sabia justificar-se a si mesmo, interpretar-se, afirmar-se; sofria ante o problema dos seus sentidos. E sofria de muitas maneiras: era antes de tudo um animal doente, o seu problema, porém, não era a dor, mas porque faltava a resposta à pergunta: Por que sofrer? [...] Essa falta de finalidade na dor é a maldição que pesou sempre sobre a humanidade. Agora bem: o ideal ascético apresenta uma finalidade. [...] Ele explicava a dor; enchia um imenso vácuo; fechava a porta ao suicídio do niilismo. A interpretação da dor trazia uma dor nova mais profunda, mais íntima, mais enevoada [...]. Esse ódio a tudo quanto era humano, quanto era animal, a tudo quanto era material, este horror aos sentidos, à razão, à felicidade, à saúde, à beleza, à força, à mudança, ao movimento, à morte, à vontade, ao esforço, ao desejo: tudo isto significa uma vontade para o nada, uma hostilidade à vida, uma negação das condições fundamentais da existência; mas era ao menos uma vontade! [...] O homem deve preferir a vontade do nada a nenhuma vontade.<sup>31</sup>

Contrapondo-se a todas essas terapias filosóficas, morais e religiosas, Nietzsche propõe uma reinterpretação do sofrimento, reivindicando sua legitimação, propósito e justificação, visto que ele compreende o sofrimento como absolutamente necessário à existência humana, para que o próprio prazer seja possível, inclusive, visto que, para ele, prazer e dor são elementos correlativos e concomitantes. Faustino defende que o projeto terapêutico nietzschiano pode ser considerado como uma “terapia da terapia”, com a pretensão de “cura da própria necessidade de toda e qualquer forma de terapia”, requerendo, para tanto, uma reinterpretação e valorização do sofrimento. Diante disso, ela afirma que...

[...] para que se consiga suprimir a necessidade de toda e qualquer terapia, isto é, abdicar da questão do sentido do sofrimento e afirmar uma vida pejada dele, é preciso que o sofrimento deixe de ser visto como algo absolutamente negativo e que requeira uma legitimação, um propósito ou uma justificação.<sup>32</sup>

---

<sup>29</sup> FAUSTINO, Marta Sofia Ferreira. *Nietzsche e a grande saúde: para uma terapia da terapia*. 2013.

<sup>30</sup> NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *A genealogia da moral*. Petrópolis (RJ): Vozes, 2013, II-7, p.67.

<sup>31</sup> NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *A genealogia da moral*. Petrópolis (RJ): Vozes, 2013, III-28, p.150.

<sup>32</sup> FAUSTINO, Marta Sofia Ferreira. *Nietzsche e a grande saúde: para uma terapia da terapia*. 2013, p.213.

No aforismo 326 de *A gaia ciência*, Nietzsche critica os “médicos da alma” por tentarem convencer os homens de que estão muito mal, enquanto omitem de propósito que...

[...] há inúmeros paliativos para a dor, como o entorpecimento, ou a febril aceleração dos pensamentos, ou uma posição calma, ou memórias, intenções, esperanças boas e ruins, assim como muitas espécies de orgulho e de empatia, que têm quase um efeito anestésico; além de nos graus elevados da dor se produzir uma perda natural dos sentidos.<sup>33</sup>

No pensamento nietzschiano, conceber o homem como corpo não significa eliminar a noção de alma, nem abolir por completo essa distinção corpo-alma, mas apenas a visão dualista que pretende elevar a alma a substrato de identidade ou a “essência” do indivíduo. O homem enquanto corpo significa pensá-lo como uma “multiplicidade unificada”, estando a alma incorporada ao corpo de tal modo que seja parte dessa multiplicidade e esteja subordinada a seu sentido unificador, qual seja: “equilíbrio de forças entre o feixe de instintos, impulsos e afectos que o constituem.”<sup>34</sup> Na interpretação de Faustino, a transvaloração nietzschiana do conceito de saúde assume o primado do corpo como *vontade de poder*, requerendo seu “cultivo”, admissão do “equilíbrio do desequilíbrio” e “dissolução da antinomia entre saúde e doença”.

O primado da saúde do corpo pode ser conferido no aforismo 47 de *Crepúsculo dos ídolos*, no qual Nietzsche demarca que “é decisivo, para a sina de um povo e da humanidade, que se comece a cultura no lugar certo [...]: o lugar certo é o corpo, os gestos, a dieta, a fisiologia, o resto é consequência disso [...]”.<sup>35</sup> Para tanto, é preciso lidar com os próprios instintos como um “jardineiro” e sua arte, como é proposto no aforismo 560 de *Aurora*, cujo cultivo das sementes de maneira proveitosa pode fazer “frutificar”, ou mesmo deixar a natureza agir, sem mediação de saberes ou reflexões para as plantas crescerem livremente, trazendo alegria, mas também aflição.<sup>36</sup>

Faustino destaca que a noção de saúde, enquanto “equilíbrio do desequilíbrio” pode ser evidenciada no pensamento nietzschiano como...

[...] o estado fisiológico de um organismo na sua relação consigo próprio e com o exterior. Assim, num organismo saudável, que se encontre em plena harmonia com a sua natureza, o objectivo deverá ser sempre o seu crescimento, a sua expansão, o seu fortalecimento e contínua auto-superação, podendo mesmo, em determinadas circunstâncias, pôr em risco a sua auto-conservação. Pelo contrário, uma vontade de paz, de tranquilidade, de equilíbrio e de estabilidade, onde é inversamente o instinto de auto-conservação que domina, designa

<sup>33</sup> NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *A gaia ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, 326, p.216.

<sup>34</sup> FAUSTINO, Marta Sofia Ferreira. *Nietzsche e a grande saúde: para uma terapia da terapia*. 2013, p.74.

<sup>35</sup> NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Crepúsculo dos ídolos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, 47, p.97.

<sup>36</sup> NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Aurora*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, 560.

para Nietzsche um sintoma de cansaço, de esgotamento e, justamente, de doença, na medida em que contraria o processo natural do organismo.<sup>37</sup>

Um exemplo dessa demarcação pode ser verificado no aforismo 349 de *A gaia ciência*, no qual Nietzsche reconhece que um organismo saudável que se dá na natureza é dominado pela abundância e pelo desperdício, e que a luta pela vida é apenas uma restrição temporária, visto que o que prevalece é o domínio, o crescimento e a expansão, que são expressões da “vontade de poder”, que é justamente a “vontade de vida”.<sup>38</sup>

Integrando-se a isso, Faustino destaca também do pensamento nietzschiano a “dissolução da antinomia entre saúde e doença”, cujo indicador de saúde passaria a ser, então, uma postura ativa, afirmativa, combativa e criativa diante do sofrimento, contrapondo-se frontalmente ao ideal ascético alicerçado na passividade, resignação e ressentimento. A saúde necessitaria de seu contrário para se fortalecer e se renovar, uma vez que saúde e doença seriam consideradas como “graus de uma mesma realidade”.<sup>39</sup> Essa ideia de indissociabilidade do processo saúde-doença seria posteriormente aprofundada por Georges Canguilhem (1904-1995), em sua obra intitulada *O normal e o patológico*.<sup>40</sup>

A transvaloração nietzschiana do conceito de saúde está, assim, alicerçada em dois fatores que se retroalimentam:

[...] por um lado, a força, a robustez, a energia, a coragem, a ousadia de um organismo; por outro lado, a sua capacidade para suportar e superar a doença [...]. Quanto mais forte, robusto, enérgico e dinâmico for um organismo, maior será a sua capacidade de suportar e superar a doença, e quanto maior for a sua capacidade de suportar e superar a doença, mais forte, robusto, enérgico e dinâmico se tornará o organismo. [...] E se é verdade que a doença, a dor, o sofrimento, as adversidades são necessárias e omnipresentes em qualquer existência, também é verdade que os organismos não lhe reagem todos da mesma maneira e, em particular, nem todos possuem esta capacidade de os aceitar e superar activamente.<sup>41</sup>

Diante disso, Faustino acrescenta que na proposta terapêutica nietzschiana, a “grande saúde” estaria relacionada a uma *vontade de vida* singularizada, que implica atividade, e cultiva o crescimento e a expansão, sem abrir mão do perigo, do risco e da aventura, desafiando os próprios limites. Vale ressaltar que o termo “grande saúde” foi utilizado por Nietzsche, por exemplo, no prólogo de *Humano, demasiado humano*, como pode ver conferido a seguir.

---

<sup>37</sup> FAUSTINO, Marta Sofia Ferreira. *Nietzsche e a grande saúde: para uma terapia da terapia*. 2013, p.235.

<sup>38</sup> NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *A gaia ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, 349.

<sup>39</sup> FAUSTINO, Marta Sofia Ferreira. *Nietzsche e a grande saúde: para uma terapia da terapia*. 2013, p.237.

<sup>40</sup> CANGUILHEM, Georges. *O normal e o patológico*. 7ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

<sup>41</sup> FAUSTINO, Marta Sofia Ferreira. *Nietzsche e a grande saúde: para uma terapia da terapia*. 2013, p.239.

[...] o excesso de forças plásticas, curativas, reconstrutoras e restauradoras, que é precisamente a marca da *grande saúde*, o excesso que dá ao espírito livre o perigoso privilégio de poder viver *por experiência* e oferecer-se à aventura: o privilégio de mestre do espírito livre! No entremeio podem estar longos anos de convalescença, anos plenos de transformações multicores, dolorosamente mágicas, dominadas e conduzidas por uma tenaz *vontade de saúde*, que frequentemente ousa vestir-se e travestir-se de saúde.<sup>42</sup> [grifos nossos].

Reconhece-se que essa postura diante da existência exige o cultivo de um novo homem, ensinando-lhe a viver, afirmar e amar a vida sem qualquer justificação, sentido ou significado, apenas como “pura afirmação existencial”, pois...

Num mundo sem deus, onde reinam a guerra, a luta e a discórdia, em que tudo o que existe luta por poder, mais poder, e supremacia sobre os demais, sem qualquer tipo de fim, finalidade ou mesmo lei, onde não existe qualquer tipo de justiça divina ou ordem moral do universo, mas antes um incessante devir aleatório de uma natureza absolutamente desdeificada, isto é, irracional, caótica, cega, cruel e indiferente – num tal mundo é precisamente a ausência de sentido que impera e que urge aceitar.<sup>43</sup>

Essa ponderação supracitada feita por Faustino nos remete a Albert Camus (1913-1960) que, em seu ensaio de 1942, sobre *O mito de Sísifo*, destaca que cabe ao “homem absurdo” desaprender a esperar, comendo o “pão da indiferença” e tomando o “vinho do absurdo” para nutrir sua grandeza diante do mundo insensato, reconhecendo a luta, a revolta e o confronto, mas sem desprezar por completo a razão.<sup>44</sup>

### Considerações finais

A propedêutica nietzschiana e seu diagnóstico acerca da cultura ocidental nos faz compreender o fenômeno da “esquizoalgia” apontado por Illich. Sua transvaloração do conceito de saúde como noção de “grande saúde”, cuja proposta terapêutica se contrapõe à passividade do ideal ascético e norteia-se pelo ativo cultivo do corpo, pelo reconhecimento do equilíbrio do desequilíbrio e pela desconstrução da pseudocontradição entre saúde e doença, reconhece o sofrimento humano como pleno de legitimação, propósito e justificação.

A dieta de horrores ofertada dia após dia à revelia daquilo que pretensamente gostaríamos de ingerir e digerir é uma situação que nos faz indagar se Nietzsche concordaria com Sontag quanto

---

<sup>42</sup> NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Humano, demasiado humano*: um livro para espíritos livres. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, 4, p.11.

<sup>43</sup> FAUSTINO, Marta Sofia Ferreira. *Nietzsche e a grande saúde: para uma terapia da terapia*. 2013, p.209.

<sup>44</sup> CAMUS, Albert. *O mito de Sísifo*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2010.

à relevância de deixarmos as imagens cruéis e atrozes nos perseguirem. Decerto que a iconografia do sofrimento humano, apresentada reflexivamente por Sontag, evidencia o requinte de crueldades de que os seres humanos são capazes. Resta-nos indagar o que mobilizamos dentro de nós ao sermos bombardeados a cada instante por elas.

O desfecho com base na terapêutica singularizada proposta por Nietzsche estaria atrelado à “atividade” em detrimento da “passividade” do ser humano, diante dessa multiplicidade de expressões da crueldade e do sofrimento a qual todos nós estamos submetidos diariamente. O cultivo dessa postura ativa diante do sofrimento poderia servir de “antídoto” à *esquizoalgia*, contribuindo com a reaprendizagem corporal de enfrentar sem subterfúgios as sensações produzidas pelos nociceptores, atitude tão negada pela decadente sociedade analgésica na qual estamos inseridos.

#### REFERÊNCIAS:

- CAMUS, Albert. *O mito de Sísifo*. Tradução de Ari Roitman e Paulina Watch. Rio de Janeiro: BestBolso, 2010.
- CANGUILHEM, Georges. *O normal e o patológico*. Tradução de Maria Thereza Redig de Carvalho Barrocas. 7ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.
- FAUSTINO, Marta Sofia Ferreira. *Nietzsche e a grande saúde: para uma terapia da terapia*. 2013. Tese de Doutorado em Filosofia. Universidade Nova de Lisboa, Portugal.
- ILLICH, Ivan. *A expropriação da saúde: nêmesis da medicina*. Tradução de José Kosinski de Cavalcanti. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1975.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *A gaia ciência*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *A genealogia da moral*. Tradução de Mário Ferreira dos Santos. 4 ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2013.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Aurora*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Crepúsculo dos ídolos*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- SALGADO, Sebastião. *Êxodos*. Tradução de Maria Regina Martines. 1ed. Colônia (Alemanha): Taschen, 2016.
- SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.